



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**THALYTA CRISTINA GONÇALVES D'AVILA**

**A AQUISIÇÃO DA LIBRAS POR FILHOS OUVINTES DE PAIS SURDOS:  
DESAFIOS DE SER CODA**

**MARINGÁ**  
**2016**

THALYTA CRISTINA GONÇALVES D'AVILA

**A AQUISIÇÃO DA LIBRAS POR FILHOS OUVINTES DE PAIS SURDOS:  
DESAFIOS DE SER CODA**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia dos Santos Alvarez da Silva

Maringá

2016

D'AVILA, Thalyta C. G. **A aquisição da Libras por filhos ouvintes de pais Surdos: desafios de ser CODA**. 2016.15 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Tânia dos Santos Alvarez Silva. Maringá, 2016.

## RESUMO

As discussões a respeito das questões linguísticas que envolvem a educação bilíngue de pessoas ouvintes, filhas de pais surdos, são relativamente recentes e ainda não há muitas pesquisas nessa área. Nessas discussões e estudos ainda incipientes, o aspecto mais desafiador é entender o desenvolvimento linguístico da criança CODA (sigla empregada para designar “*children of deaf adults*”, isto é, filhos de pais surdos). É fundamental, nessas investigações, conhecer seu processo de aquisição da língua de sinais, bem como da língua oral, e compreender como essa criança passa a transitar por duas línguas de modalidades diferentes, já que a língua falada é oral-auditiva e a língua de sinais visual-espacial. Relatamos uma experiência da CODA, pois a autora desta pesquisa pertence a uma família de pais surdos; caçula de três irmãs, nasceu em 1994, e seu convívio no ambiente familiar ocorreu via língua oral e língua gestual, visto que seus pais fazem o uso das duas línguas, simultaneamente. Esta pesquisa se deu a partir de estudos bibliográficos aliados a um relato das experiências da autora, tendo como objetivo descrever como foi crescer em um ambiente bilíngue e relacionar essa experiência com estudos sobre a história, a língua e a cultura surda.

**Palavras-chave:** Filhos Ouvintes de Pais Surdos; Bilinguismo; Língua de Sinais.

## ABSTRACT

Discussions on linguistic issues involving bilingual education of hearing people, children of deaf parents are relatively recent, and we have not yet found much research in this area. In these discussions and studies the most challenging aspect is understand the linguistic development of the child CODA (children of deaf adults). It is fundamental in these investigations to know their process of acquisition of sign language and oral language as well. As this child moves through two different language modalities, since the spoken language and oral-auditory modality and the language of signs of visual-spatial modality. This article reports on the experience of CODA, the author of this research, which belongs to a family of deaf parents. The youngest one of three sisters, the author was born in 1994, grew up living in the familiar environment with the oral language and the sign language, since her parents use the two languages simultaneously. This research was based on bibliographic studies allied to an account of the experiences of the author, aiming to report how it was to grow in a bilingual environment and to relate this experience to studies on history, language and deaf culture.

**Keywords:** Children Listening to Deaf Parents; Bilingualism; Sign language.

## INTRODUÇÃO

No decorrer de nossa formação acadêmica, no curso de graduação em Pedagogia de uma instituição pública, estudamos acerca da importância da linguagem como ferramenta para o desenvolvimento humano. Inicialmente, o desafio da pesquisa da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso era discutir sobre o processo de aquisição da linguagem escrita pelo aluno surdo. No entanto, durante nossos estudos observamos que não era possível escrever sobre esse processo sem antes informar sobre como a surdez dos meus progenitores afetou nossa vida e nossa comunicação.

Sabemos que são poucos os estudos relacionados a essa área, por isso julgamos que entender o processo e a relação da comunicação e os aspectos do desenvolvimento da linguagem gestual pelos filhos ouvintes<sup>1</sup> de pais surdos torna-se um desafio. Os filhos ouvintes de pais surdos são nomeados como CODAs, uma sigla inglesa que significa 'Children of Deaf Adults', traduzida para o português: "filhos de pais surdos". Segundo Sander (2016, p. 105):

Os CODAs crescem bilíngues, descobrindo suas vidas construídas por esses dois mundos – o surdo e o ouvinte, e ora pertencem mais a um, ora mais ao outro, porém, frequentemente, são os protagonistas na aproximação entre os dois mundos, por meio do domínio das duas línguas, das duas culturas e das suas interpretações.

Citamos Sander (2016), e para este estudo trazemos algumas reflexões sobre meu contato entre a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa no que se refere à comunicação entre ouvintes e surdos. Desse modo, aliando um relato pessoal com estudos bibliográficos relativos ao tema em pauta, apresento-me como sujeito desta pesquisa. Destacamos que no momento de sua realização, minha idade é de 22 anos, graduanda do quarto ano do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá. Minha história se entrelaça com a história de meus pais, enfim, com a história da minha família, que passo a apresentar.

Meu pai no momento deste estudo possui 61 anos, sendo filho mais velho de quatro irmãos; nasceu de um parto complicado, no qual o médico

---

<sup>1</sup> Ouvintes", nesse universo semântico, são todas as pessoas que "ouvem" e que experimentam o mundo também por meio da audição (EIJ, 2016).

precisou usar o fórceps<sup>2</sup>. Isso ocasionou uma lesão neurológica, fazendo-o perder mais de 60% da audição. Ele estudou na APAE até o quarto ano do Ensino Fundamental, e em sua época não havia intérprete de Libras na escola, e então sua comunicação com os pais, familiares e professores se dava por meio da oralização. Em sua infância e juventude, ele não sabia que existia uma língua própria para o surdo, passou a conhecer a Língua Brasileira de Sinais já depois de adulto, quando começou a frequentar a Associação dos Surdos da cidade de Londrina, no interior do Estado do Paraná.

Minha mãe, no momento da realização deste trabalho, possui 56 anos, sendo filha única de pais separados; aos seis anos, contraiu meningite, uma doença grave que inflama a meninge e pode deixar sequelas. Ela passou por muitos tratamentos clínicos, foi curada da meningite, porém a doença deixou uma sequela importante: a perda de 100% da audição. Com seis anos de idade, ela já havia adquirido a linguagem oral e estava em processo de aquisição da escrita. Sua mãe a matriculou na Escola Especial EPHETA, na cidade de Curitiba, PR, na época uma referência na educação dos surdos. Na escola, ela frequentava o setor de fonoaudiologia para não perder a fala e também aprendeu a Língua Brasileira de Sinais. Estudou naquela escola até a 8ª série do Ensino Fundamental. Mais tarde, concluiu o Ensino Médio em escola regular, assistindo as aulas ministradas oralmente, pois não havia intérprete de nessa instituição.

Meus pais se conheceram em uma festa, junto a um grupo de surdos que se reuniam de tempos em tempos; ficaram noivos, se casaram e tiveram três filhas. Sou uma delas, a caçula.

Nesse sentido, corroboramos Quadros e Massuti (2007 p. 17) quando afirmam que “de uma perspectiva surda e ouvinte, os relatos de um CODA trazem elementos que podem ser olhados entre lugares e nos lugares”. Neste texto, empreendemos reflexões sobre a surdez e suas implicações no processo comunicativo entre filhos ouvintes e pais surdos, usuários da Língua Brasileira de Sinais.

Assinalamos que os surdos convivem diariamente em uma sociedade majoritariamente ouvinte e falante, com o uso de duas línguas, oral e gestual e

---

<sup>2</sup> Fórceps: Instrumento com que se extrai o feto do útero. (Dicionário Priberam, acesso em 15/12/20016).

essa condição linguística peculiar impõe desafios em seu processo de desenvolvimento e de interação social. Diante disso, questionamos: O que ocorre com seus filhos, quando estes são ouvintes? De que modo eles são afetados pela condição linguística de seus pais? Qual o olhar do filho ouvinte para o pai surdo? Como o filho se sente ao adquirir duas línguas?

Para responder a essas perguntas-problemas, fundamentamos esta pesquisa em autores da abordagem Histórico-Cultural. Os psicólogos dessa teoria presumem que o processo de ensino e aprendizagem e os conhecimentos devem ser alcançados por meio das interações humanas, e enfatizam o papel determinante da linguagem na construção dos processos psíquicos.

Nessa perspectiva, neste estudo temos a finalidade de, a partir da retomada sucinta de minha história de vida, relatar como foi crescer em um ambiente bilíngue e relacionar essa experiência com estudos sobre a história, a língua e a cultura surda.

## **2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS**

No transcorrer da história, uma parte considerável da sociedade via nas pessoas surdas somente aspectos negativos. Na Antiguidade, por exemplo, os surdos eram vistos com piedade e compaixão, e mesmo assim eram abandonados ou sacrificados por serem considerados como pessoas castigadas pelos deuses ou como pessoas enfeitiçadas (MOURA; LODI; HARRISON, 1997). Com o passar dos tempos, os surdos foram conquistando alguns direitos, mas continuaram a sofrer preconceitos por serem considerados inferiores. Até as últimas décadas do século XX, os surdos ainda eram tidos como deficientes que precisavam de reabilitação, pois não compartilhavam da língua oral majoritária e por isso eram excluídos do meio social, sendo considerados incapazes de ser letrados.

Aristóteles considerava que a linguagem era o que dava condição de humano para o indivíduo, portanto sem linguagem o surdo era considerado não humano e não tinha possibilidade de desenvolver faculdades intelectuais (MOURA; LODI; HARRISON, 1997, s/p).

Pontuamos que Pedro Ponce de Leon (Espanha, 1520-1584) foi o precursor da educação dos surdos, considerado o primeiro professor de surdos da história. Segundo Moura, Lodi, Harrison (1997), Leon conseguiu ensinar os surdos a falar, a ler, a escrever e inclusive alguns de seus alunos chegaram a aprender filosofia; dessa forma, desmistificou a crença da incapacidade dos surdos. Para tanto, Leon desenvolveu uma metodologia na qual utilizava um alfabeto manual, que permitia ao aluno surdo adentrar na língua oral pela via da escrita, aprendendo a estrutura escrita das palavras, e relacioná-las ao significado correspondente. O surdo aprendia a soletrar letra por letra e a compor as palavras. No entanto, essa educação era limitada aos filhos da nobreza, impossibilitando os surdos de famílias mais humildes de participarem dessa conquista.

De acordo com Sánchez (*apud* Botelho, 1998, p.20),

No século XVI, a possibilidade de educar o surdo começa a ser cogitada e se inicia mediante ao preceptorado, para aqueles surdos de famílias abastadas, herdeiros de fortunas, sendo sua educação condição para que pudessem receber herança [...]

Na Europa do século XVIII, surgiam duas tendências distintas na educação dos surdos: o gestualismo e o oralismo<sup>3</sup>. A grande maioria dos surdos defendia o gestualismo, enquanto muitos ouvintes apoiavam o oralismo. A expressão máxima desse entendimento diferenciado, por surdos e ouvintes, sobre as necessidades da comunidade surda desdobraram-se em novas proposições que alteraram drasticamente o destino de muitos indivíduos surdos. Tais mudanças oficializaram-se, sobretudo, por meio do Congresso Internacional de Educadores de Surdos ocorrido em de Milão (Itália), no de 1880. Nesse congresso, estavam presentes educadores surdos e ouvintes. Definiu-se, através de uma votação, que o oralismo deveria ser a metodologia adotada na instrução do surdo. “As resoluções foram quase unânimes, contando com poucas, e isoladas, oposições: às escolas de surdos cabia o ensino da fala como meio de inserção do surdo em um mundo ouvinte” (EIJL, 2016, s/p). A partir de então, o uso da Língua de Sinais foi proibido nas escolas

---

<sup>3</sup> Segundo Goldfeld (1997), o oralismo é uma abordagem que visa á integração da criança surda na comunidade ouvinte, enfatizando a língua oral do país.

dos surdos em diversos países. O Brasil foi um dos países que também aderiu a essa orientação do Congresso de Milão (SACKS, 1989).

A proposta oralista de educação dos surdos foi hegemônica durante cerca de um século. Por conta disso e da extrema dificuldade experimentada por muitos surdos de se apropriarem da língua oral, não conseguiram se apropriar dos conteúdos escolares e acabavam por abandonarem os estudos. De acordo com Sacks (1989, p.45), “o oralismo e a supressão do sinal resultaram numa deterioração dramática das conquistas educacionais das crianças surdas e no grau de instrução do surdo em geral”.

O resultado da educação de surdos pela via da oralidade foi desastroso. Surdos e educadores de surdos começaram a rediscutir os encaminhamentos metodológicos da educação de crianças e jovens surdos, pois estavam insatisfeitos com os resultados da educação oralista e viam na Língua de Sinais um melhor caminho para essa educação (DIAS, 2006).

Diante desse embate, ao final do século XX surgiram movimentos dos surdos, que lutavam pelo reconhecimento da língua de sinais. Concomitantemente, desenvolveram-se estudos sobre a surdez<sup>4</sup>, nos quais autores e pesquisadores negavam a diferença intelectual entre os surdos e ouvintes. Esses estudos contribuíram para consolidar a educação bilíngue<sup>5</sup>, ou seja, para proporcionar ao surdo o uso de duas línguas distintas: a língua gestual e a língua majoritária do país na modalidade oral ou escrita. Ciente de que os surdos não se apropriam dos aspectos fonológico-auditivos da língua portuguesa por não dominarem a sua gramática, a Libras ocupa então o lugar de primeira língua da comunidade surda.

A esse respeito, Fernandes (2006, p. 2) assevera que:

[...] como pressuposto o reconhecimento da língua brasileira de sinais Libras como produção histórica e cultural das comunidades surdas brasileiras e como língua principal no currículo escolar, seguida do aprendizado do português, língua nacional majoritária, assegurada como segunda língua, em sua modalidade escrita.

---

<sup>4</sup>Surdez, do ponto de vista clínico, a surdez se caracteriza pela diminuição da acuidade e da percepção auditivas (QUADROS, 2004).

<sup>5</sup>Bilinguismo, prática pedagógica que defende o uso da Língua de sinais como primeira língua e do Português como segunda língua.

Após muitas lutas e embates políticos, no Brasil os surdos foram oficialmente reconhecidos e tiveram o direito e a possibilidade de apropriar-se da Língua Brasileira de Sinais por meio da homologação da Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002), que reconhece a Libras como língua oficial da comunidade surda, além do Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005) que regulamenta a Lei de Libras e assegura que os surdos usufruam totalmente de seus direitos de minoria linguística.

### **3 O SURDO**

Quadros (2004) declara que, do ponto de vista clínico, a surdez se caracteriza pela diminuição da acuidade e da percepção auditiva, o que dificulta a aquisição da linguagem oral de forma natural.

Salientamos que a linguagem é elemento indispensável para a formação de uma cultura, pois é mediante a comunicação que formamos nosso pensamento, nossas convicções, nossas crenças. É também por meio da fala que conhecemos pessoas e lugares, enfim, a linguagem é uma condição para vivermos em sociedade. Nesse contexto, indagamos: Por que o surdo deveria ser privado dos privilégios que a linguagem proporciona?

Pontuamos que em oposição ao isolamento do surdo, resultante da imposição da língua oral como língua exclusiva de comunicação e instrução para o surdo, parte da comunidade surda brasileira passou a lutar pela valorização e fortalecimento da Libras. A pesquisadora surda Gladis Perlin (2007, p.11) argumenta que a comunidade surda é “[...] então um grupo cultural à parte. Um grupo que realmente investe na decisão de ser diferente. De transformar o anormal em normal no cotidiano da vida”. A comunidade surda tem cada vez mais se movido em direção à valorização das suas diferenças, e isso faz com que o sujeito sinta orgulho da sua condição de surdo usuário da língua de sinais.

Sobre essa questão, citamos McCleary (2003, p.2), para quem:

(...) não é só o orgulho que eles têm da sua língua e da sua cultura. É o próprio orgulho de ser surdo, (...) diga para um ouvinte “Eu tenho orgulho de usar a língua de sinais brasileira”. Qual pode ser a reação dele? Ele pode pensar, “Sim, claro! Os gestos são muito bonitos e expressivos!” Mas não é por isso que você tem orgulho! Você tem orgulho porque quando você

usa a língua de sinais, você pode ser surdo e feliz ao mesmo tempo.

A defesa e a valorização da língua de sinais pelo surdo têm reflexos na relação que estabelecem com os filhos surdos e ouvintes. A língua de sinais dos pais surdos torna-se língua de comunicação no interior das famílias. Na apropriação da língua, filhos surdos e ouvintes ingressam no universo cultural das comunidades surdas.

### 3.1 QUE LÍNGUA É ESSA?

A Língua Brasileira de Sinais é a língua natural da pessoa surda, ou seja, a língua que abriga e possibilita seus pensamentos e sentimentos. É uma língua de modalidade gestual-visual que utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidas pela visão. No Brasil, foi oficializada com a Lei nº 10.436/2002, § único, de 24 de abril 2002.

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Confere-se à Libras status de língua porque assim como as línguas orais, é composta pelos níveis linguísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico. O que é denominado palavra ou item lexical nas línguas oral-auditivas é denominado sinais nas Línguas de Sinais.

Pereira (1993, s/p) afirma que as Línguas de Sinais:

[...] apresentam características diferentes das línguas orais, resultantes da diferença de canal de transmissão-gestual/visual em oposição ao canal oral/aural das línguas orais. A principal diferença é que, nas línguas orais, os vocábulos são organizados sequencialmente como uma sequência linear de elementos sonoros – enquanto que nas línguas de sinais os elementos são organizados como uma combinação de componentes que ocorrem simultaneamente.

Assim como as línguas orais, a Libras também possui expressões que diferem de região para região (os regionalismos), o que a legitima ainda mais como língua. De mesmo modo, as Línguas de Sinais são línguas naturais das comunidades surdas, não são universais e cada país possui a sua própria Língua de Sinais, sofrendo interferência da cultura nacional.

Ao contrário do que muitos imaginam, as Línguas de Sinais não são simplesmente mímicas e gestos descontextualizados. Cada Língua de Sinais possui uma estrutura gramatical. Além disso, ela é visual e espacial e a língua portuguesa, por exemplo, é auditiva e oral, o que determina que os canais de recepção e de emissão sejam diferentes.

A esse respeito, corroboramos Gesser (2009, p. 21), que alega:

A língua de sinais tem todas as características linguísticas de qualquer língua humana natural. É necessário que nós, indivíduos de uma cultura de língua oral, entendamos que o canal comunicativo diferente (visual-gestual) que o surdo usa para se comunicar não anula a existência de uma língua tão natural, complexa e genuína como é a língua de sinais.

O movimento que ocorre na interação da Língua de Sinais com a língua majoritária do país onde vive o surdo é chamado de bilinguismo. O bilinguismo descortina-se, no final do século XX e início do século XXI, como uma filosofia e metodologia educacional que oferece uma nova possibilidade de educação para os surdos.

O bilinguismo é a utilização regular de duas línguas. Em uma definição mais geral, Grosjean (2008, p. 164) alega:

[...] consideramos como bilíngues aquelas pessoas que usam duas línguas (ou mais) línguas (ou dialetos) diariamente. Assim, esta definição inclui pessoas que vão desde o trabalhador migrante que fala com certa dificuldade a língua do país anfitrião (e que não a lê nem a escreve) até o intérprete profissional que é totalmente fluente nas duas línguas. Neste intervalo, encontra-se o cônjuge que interage com amigos na sua primeira língua, o cientista que lê e escreve artigos em uma segunda língua (mas que raramente a fala), o membro de uma minoria linguística que usa a língua minoritária somente em casa e a majoritária nos outros domínios de sua vida, a pessoa surda que usa a língua de sinais com amigos, mas que usa outros tipos de sinais com uma pessoa ouvinte, etc. Apesar da grande diversidade que existe entre as pessoas, todas compartilham uma mesma característica todas convivem com duas ou mais línguas [...].

No caso dos surdos, estes devem ter como língua materna a Língua de Sinais (L1 - que é natural do surdo) e a língua oficial de seu país como uma segunda língua (L2).

Fernandes (2016) sustenta que os filhos ouvintes de pais surdos são um importante segmento da comunidade surda, e representam a situação de bilinguismo por imersão, envolvendo duas das inúmeras línguas faladas no Brasil, a Libras e a Língua Portuguesa.

### 3.2 CODAS: BREVE RELATO DE MINHA HISTÓRIA

Neste texto, afirmo que os filhos ouvintes de pais surdos são nomeados CODAs, uma sigla inglesa que significa Children of Deaf Adults, traduzida para o português: “filhos de pais surdos”. Assinalo que muitos pensam que criar filhos ouvintes é algo desafiador para os pais surdos. Em minha experiência, posso afirmar que, estar na condição de pai ou mãe é algo desafiador. O mesmo se remete aos filhos, pois muitas pessoas já me perguntaram: “Como você entende seus pais?”. Para os CODAs, que são expostos à língua de sinais, a aquisição da língua é semelhante à aquisição das crianças expostas à língua oral (SANDER, 2016). Assim como uma mãe ouvinte conversa com seu filho, também ouvinte, este ao longo do tempo desenvolve a linguagem oral. Do mesmo modo acontece com o filho ouvinte de mãe surda, ela conversa com ele por meio da Língua de Sinais, por isso os CODAs adquirem a língua gestual sem sistematização intencional.

Nesse sentido, Pereira cita que:

Ter uma língua em comum é importante não apenas do ponto de vista da comunicação, mas também para o desenvolvimento intelectual, afetivo, emocional da criança. (PEREIRA, 2008, s/p).

Minha experiência ocorreu exatamente assim, aprendi naturalmente; mas não imediatamente. Segundo as histórias narradas por minha mãe, comecei a me interessar pela Libras aos três anos de idade; até então nos comunicávamos por alguns gestos e pela linguagem oral. Convém pontuar que meus pais nunca forçaram suas três filhas a aprender a Língua de Sinais (eles são usuários de ambas, a língua de sinais e a língua portuguesa oral), porém sempre nos deixaram livres para escolher aprender a língua de sinais ou não.

Nesse caso específico, por ser a caçula de três irmãs, sempre estava em todos os lugares com a minha mãe e lembro-me de ter observado algumas situações de conversas dela com outros surdos, e tentava entender o que eles estavam falando. Também me recordo de quando tinha cerca de três anos de idade e um dia, depois de uma conversa dessas que presenciei, ao chegar em casa disse para minha mãe que queria aprender a língua falada por ela, pois gostaria de entender o que os surdos conversavam entre si. A partir daquele dia, todas as noites sentávamos no sofá, ela me dizia: 'Pode perguntar', e lhe indagava de todos os sinais que me interessavam.

Sobre essa situação, Quadros e Masutti afirmam que:

Os CODAs estão, permanentemente, vivendo entre fronteiras da língua, do idioma e da cultura. Suas sensações e experiências com o corpo das línguas orais e visuais remetem para o caráter tenso de ter que suportar o peso da idiomática de duas línguas que são irreduzíveis uma à outra e de dois mundos culturais que apresentam uma forte assimetria em suas relações de poder (QUADROS; MASUTTI, 2007, p. 248).

Diante dessa assertiva, inquiremos: qual o olhar do filho ouvinte para os pais surdos? Respondo que todos nós vivemos em busca de nossa identidade, sobretudo em períodos iniciais da vida. Salientamos que a família é uma das instituições fundamentais para apoiar crianças e adolescentes na formação da identidade pessoal, é o primeiro grupo social, o espaço no qual se dão as nossas relações afetivas e interpessoais.

Ainda em relação à relevância da família, corroboramos Rodriguero e Yaegashi (2013, p. 11) quando sublinham que a família “[...] exerce grande influência no desenvolvimento e socialização da criança”. O fato de o sujeito crescer no ambiente bilíngue influencia no papel que este ocupará na sociedade. No entanto, isso só ocorrerá quando o indivíduo se conscientizar da sua condição. Ora, ser CODA remete a criança e o jovem a uma exigência precoce de responsabilidade. Em muitos casos, eles atuam como intérpretes dos pais.

Quadros e Masutti (2007, p. 261), assinalam que: “No Brasil, as pessoas que sabiam língua de sinais eram consideradas intérpretes. Como os CODAs usavam língua de sinais, eles tornavam-se intérpretes compulsórios, pelo menos para as próprias famílias”. E as autoras complementam que “para as

famílias surdas, os CODAs são vistos como possíveis “pontes” entre os mundos surdo e ouvinte” (QUADROS, MASUTTI, 2007, p. 261).

Na sequência, tecemos nossas considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista traçado ao longo da história a pessoa surda foi considerada anormal, doente e limitada. No entanto, na atualidade vários sujeitos surdos tem se tornado importantes pesquisadores voltado para essa área, esses estudos discutem a respeito da língua, da identidade da e cultura surda. Além disso, esse movimento de estudos dos surdos tem mostrado cada vez mais para a sociedade que a pessoa surda é inteligente, crítica e capaz de fazer suas próprias escolhas com os mesmos direitos e deveres da pessoa ouvinte.

Já em relação a condição de ser CODA, posso afirmar que me sento responsável por meus pais em situações nas quais preciso transmitir uma informação, marcar uma consulta médica, traduzir resumidamente as novelas. Sempre que sentávamos no sofá para assistir televisão, eu já sabia que teria que traduzir, seja o telejornal para meu pai ou a novela para minha mãe. Confesso que na adolescência isso não me agradava muito, acredito que por vergonha de usar uma língua que não era propriamente a minha.

Vale destacar que meus sentimentos em relação a Libras ali eram totalmente diferentes de quando era criança. Atualmente, contudo, pontuo o orgulho por ter pais surdos e da língua que pertence a eles.

Hoje, sou ciente da importância dessa língua para nossa sociedade, que abriga uma comunidade surda; ademais, fazer parte do pequeno mundo dos surdos me leva a querer ser uma filha melhor a cada dia.

## REFERÊNCIAS

BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na educação de surdos**. Ideologia e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

BRASIL. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Brasília, DF, 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em: 1 ago.2016.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**, Brasília, DF. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm)>. Acesso em: 06 dez.2016.

DIAS, V. L. L. **Rompendo a barreira do silêncio**: interações de uma aluna surda incluída em uma classe do ensino fundamental. 2006. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2006.

EIJI, H. **Congresso de Milão**. Cultura Surda, 2016. Disponível em: <<https://culturasurda.net/congresso-de-milao>>. Acesso em: 06 dez. 2016.

FERNANDES, S. **Letramentos na educação bilíngue para surdos**. In: Letramento. Referenciais em saúde e educação. São Paulo: Plexos, 2006.

GROSJEAN, F. Bilinguismo individual. **Revista UFG**, n. 5, p. 162-173. dez. 2008.

GESSER, A. **LIBRAS? que língua é essa?**: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MCCLEARY, Leland. (2003) **O orgulho de ser surdo**. In: ENCONTRO PAULISTA ENTRE INTÉRPRETES E SURDOS, 1, (17 de maio) 2003, São Paulo: FENEIS-SP [Local: Faculdade Sant'Anna].

MOURA, M.C; LODI, A.C.B; HARRISON, K.M. **História e Educação**: o Surdo, a Oralidade e o Uso de Sinais. São Paulo: Roca,1997.

PEREIRA, M.C.; **Aspectos sintáticos da língua brasileira de sinais**. In MOURA, M.C.; LODI, A.C.; PEREIRA, M.C. Língua de Sinais e educação do Surdo. São Paulo, Tec Art, 1993.

PEREIRA, M.C.; **Ensino de Língua Portuguesa para surdos**. Nova escola, 2008. Disponível em: <[o.novaescola.org.br/formacao/maria-cristina-pereira-fala-aprendizagem-lingua-portuguesa-criancas-surdas-612889.shtml](http://o.novaescola.org.br/formacao/maria-cristina-pereira-fala-aprendizagem-lingua-portuguesa-criancas-surdas-612889.shtml)>. Acesso em: 06 dez. 2016.

PERLIN, G; QUADROS, R.M **Estudo Surdos II**: Séries Pesquisa. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2007.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de; MASSUTTI, M. CODAs brasileiros: Libras e Português em zonas de contato. In: QUADROS, R. M. de; PERLIN, G. **Estudos surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

RODRIGUERO, C. R. B.; YAEGASHI, S. F. R. **A família e o filho surdo**: uma investigação acerca do desenvolvimento psicológico da criança segundo a abordagem histórico-cultural. 1. ed. Curitiba: CRV, 2013.

SANDER, R.E. **Educação bilíngue de filhos ouvintes de pais surdos (codas) com o olhar de pais surdos**. Maringá, 2016.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes** – uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.